De seres marinhos, feitos falsificados e espaços simulados. *Fake news* de hoje e de ontem

About sea creatures, false achievements and invented places. Today's and Yesterday's Fake News

Virgínia Boechat
AgroParisTech
virginiabboechat@gmail.com

Palavras-chave: Mocumentário, *Fake News*, pós-verdade, literatura de viagens, sereias, *mirabilia*.
Keywords: Mockumentary, Fake News, Post-truth, Travel literature, Mermaids, *Mirabilia*.

Em 27 de maio de 2012, o filme *Sereias: o corpo encontrado* [*Mermaids: The Body Found*] veio a público exibido no canal de televisão *Animal Planet*, e desde então passou a ser republicado na internet em diversas plataformas de *streamming*. Em seus 82 minutos de duração, essa obra apresentada em formato *documental* acompanha as inusitadas e extraordinárias descobertas de um grupo de cientistas sobre a provável existência de uma espécie humanoide marinha antes sempre tida como mítica, as sereias. Introduzidos e nomeados como biólogos anteriormente ligados à agência governamental norte-americana NOAA (*National Oceanic and Atmospheric Administration*), os especialistas dão longos depoimentos, interpolados por diversos recursos de reconstituição e de documentação, sobre aquela experiência tão desconcertante e transformadora em termos científicos.

Nos primeiros minutos, o espectador é advertido de que "Os cientistas deste filme estão falando para câmeras pela primeira vez" e de que "As filmagens que está prestes a ver nunca foram veiculadas até agora". É com uma emoção cativante que Dr. Paul Robertson, identificado então como antigo assistente integrante da equipe do departamento de pesca da NOAA, reconstitui o seu processo de pesquisa, com a menção às diversas provas científicas, gravações de áudio, fragmentos de um corpo, reconstituição de um crânio, testemunhos de avistamentos, vídeos gravados, artefatos e armas entalhadas encontrados. A seriedade da Dra. Rebecca Davis, apresentada como outro antigo membro do grupo, surge ainda para confirmar todos esses achados. Impressionantes são os depoimentos de outros mostrados como especialistas, como o do Dr. Rodney Webster, da University of do South Florida, especializado em comunicação animal, que afirma reconhecer a existência de uma linguagem desconhecida em uma grava-

RECEBIDO 26-10-2016 · ACEITE 23-11-2016

ção feita no fundo do oceano conhecida como *bloop*, ou do Dr. Stephen Pearsall, do Smithsonian Institution, do Dr. Gavin Dittmar, da University of Cape Town, ou da Dra. Leanne Visser, da Witwatergrands University. Além de suas opiniões difundidas como *profissionais*, os eventos mostrados no filme encontram-se em geral datados e localizados. Mas uma descoberta de tal relevância não se daria, contudo, de maneira tão fácil; eis que são impostas a eles imensas dificuldades, censura governamental, corte de programas, além de confisco de material e dos resultados por parte dos governos envolvidos.

O sentimento do espectador pode ser de enorme indignação diante da grandiosidade dessa possível descoberta científica e da impossibilidade que aqueles pesquisadores enfrentaram para dar continuidade à pesquisa. O ápice dos obstáculos pode ser testemunhado quase no fim do 'documentário', graças à inclusão de um vídeo da câmera de vigilância supostamente situada na frente da University of Cape Town, instituição onde o grupo vinha estudando os restos fragmentados de um cadáver – que dá título à obra – tido como de um desses humanoides. Nas imagens da câmera, datadas da manhã de oito de agosto de 2005, a polícia surge e apreende todo o material relacionado a tal estudo.

Além dos vídeos, dos testemunhos dos 'especialistas', das datas e localizações, umas reconstituições são incluídas, sendo que em algumas delas estão legendas que esclarecem que se trada de uma "reconstituição dramática", nas quais atores interpretam os membros pesquisadores. Outras simulações e animações feitas por computador são também inseridas no filme, porém já sem esse mesmo aviso que delimitaria a ficção. Em outros trechos ainda, o público é advertido de que uma determinada gravação é real, como na abordagem da sequência sonora conhecida como *bloop*[1]. Não é, portanto, sem desconcerto ou decepção que o espectador tem de constatar que o pretenso *documentário* seria de fato uma obra de *ficção científica*, em uma realização que estilhaça as possíveis fronteiras de ambos os gêneros. O mesmo espectador é que é a cobaia dessa experiência – muito rentável – realizada pelo *Animal Planet*.

Sereias: o corpo encontrado mostra-se como uma das obras audiovisuais mais significativas deste momento distópico chamado de *pós-verdade*. É uma exímia realização no sentido de ter alcançado uma alta convergência de seus desconcertantes propósitos artísticos falsificatórios com o *Zeitgeist* da ultrapassagem hierárquica da noção de verdade. Seus recursos são demolidores da certificação conferida pelos discursos acadêmico, científico e institucional, assim como do próprio discurso testemunhal, ou de qualquer convicção de eventual correspondência entre signos e referencial. Além disso, fragiliza também o estatuto da própria ficção, desestabilizando tanto a crença no pacto ficcional do espectador

---

[1] A NOAA esclarece em seu site que *bloop* "é o nome dado a um som subaquático misterioso gravado nos anos 90. Anos depois, os cientistas da NOAA descobriram que esse som provinha de um iceberg se rachando e desprendendo de uma geleira antártica" [Todas as traduções de sites, de comentários, de trechos de livros e de vídeos aqui incluídas são nossas]. ""*The Bloop*" *is the given name of a mysterious underwater sound recorded in the 90s. Years later, NOAA scientists discovered that this sound emanated from an iceberg cracking and breaking away from an Antarctic glacier*" ("What's the bloop", NOAA, s.d.).

com a obra quanto a possibilidade de uma escolha confortável e definitiva pelo pacto de veracidade. Mesmo sua recepção dentro de um estatuto de paródia fica inviabilizada, pela inexistência de um pacto que legitime essa relação junto ao público. O filme coloca, portanto, seus telespectadores em um lugar de alienação e suspensão a propósito da chave com a qual deve receber aquela forma e aquele conteúdo. Outras obras audiovisuais tentaram esse recurso anteriormente, mas nunca se tinha visto tamanho êxito. *Sereias: o corpo encontrado* opta pelo engano que conduz à incerteza acerca da relação com a obra e com a própria realidade, infringido ao público como recurso cinematográfico.

Seu criador e um dos autores, Charlie Foley, declarou à *ABC News* que houve a clara intenção de que as pessoas recebessem a história com em uma "chave de possibilidade", "Na esperança de que o que *Sereias* permitisse aos espectadores fosse... permitisse que eles suspendessem sua descrença" (ABC News, 2013)[2]. Segundo uma resenha de Neil Genzlinger no *New York Times*, o filme trabalha em cima de tênues fragmentos que podem ser considerados factuais, como o "fato real de que alguns cientistas acreditam que o uso de sistemas de sonar pela Marinha tenha contribuído para as baleias lançadas às praias. E faz menção a um som subaquático estranho conhecido como *bloop*, que foi gravado no Oceano Pacífico em 1997"[3] (Genzlinger, 2012). Mas mesmo a verificação desse subterfúgio do engano e de seu caráter falsificatório é labiríntica, já que aquele que busca em rede o nome de seus atores ou de seus pretensos especialistas cairá em uma armadilha vertiginosa e sucessiva de atribuições de nomes e de identidades por sites e vídeos duvidosos que denunciam outros sites e vídeos duvidosos que denunciam o filme em questão. Seria o suposto Dr. Robertson interpretado por um ator chamado Dave Evans como surge em alguns sites? Seria mesmo um biólogo que teria divergido de sua instituição por ter convicções excêntricas? Parece que não poderemos confirmar nenhuma das hipóteses com ajuda de mecanismos de pesquisa on-line.

Não é à toa que *Sereias: o corpo encontrado* conquistou uma colossal audiência para o canal *Animal Planet*; não é à toa que tem mais de oito milhões e meio de visualizações em um canal do *Youtube*[4], e mais de três milhões e meio em outro canal da mesma plataforma[5], em contas que não são oficiais de seus realizadores nem dos canais de televisão que o distribuíram. Até a agência governamental norte-americana NOAA teve que se pronunciar sobre o assunto e afirmou em seu

---

2 "'We wanted people to approach the story with a sense of possibility and a sense of wonder", the show's executive producer, Charlie Foley, told ABC News. "Hopefully that's what 'Mermaids' allowed viewers to do... allowed them to suspend their disbelief"" (ABC News, 2013).

3 "[...] actual fact that the Navy's use of sonar systems is suspected by some scientists of contributing to whale beachings. And it takes note of an odd underwater sound known as the Bloop that was recorded in the Pacific Ocean in 1997" (Genzlinger, 2012).

4 *Mermeids the body found*, postado em 28/06/2013 no canal *Thatgirl hal* do Youtube. Vídeo com 8.518.736 visualizações em 16 de novembro de 2019.

5 *Mermaids The Body Found: Are Mermaids Real? / Mermaid Science Fiction Programme / Reel Truth Science*, postado em 15/08/2018, no canal *The Reel Truth Science Documentaries* do Youtube. Vídeo com 3.600.081 de visualizações em 16 de novembro de 2019.

site que "Nenhuma evidência de humanoides aquáticos jamais foi encontrada"[6] ("Are mermaids real?", NOAA, s.d.), isto em um pequeno texto sem data e que não faz qualquer menção ao filme *Sereias*, mas que foi publicado na semana do lançamento do primeiro filme da série, em 2012, como se pode verificar no site da *BBC News*[7]. Não é à toa também que no ano seguinte, em 2013, o *Animal Planet* lançaria a continuação, *Sereias: a nova evidência* [*Mermaids: the new evidence*], com a qual alcançaria "a maior audiência de seus 17 anos de história"[8], segundo aponta um artigo no *Daily Mail* (Quigley, 2013). Não é descabido mencionar que em 2016, o termo *pós-verdade* seria consagrado como *palavra do ano* pelo dicionário *Oxford*, como nos lembra Christian Dunker (cf. Dunker, 2017).

Em seu artigo "Subjetividade em tempos de pós-verdade", Dunker identifica a pós-verdade como um jogo em que a verdade é apenas mais uma das peças envolvidas na leitura do real, e seu estatuto não é hierarquicamente superior ao das outras peças (Dunker, 2017). De maneira geral e vaga, é possível esboçar uma definição de que as noções de *vero*, *verídico* ou *verificação*, compreendidas na de *verdade*, pressupõem as noções de *busca* ou *identificação* de paridades entre o discurso e um referencial. Acrescento a esta disputa movediça entre o discurso do vero, do verídico, do verificável e outros tipos de discursos – uma competição que afinal em grande escala envolve linguagem, real, poder, consumo, política e alienação – a oscilação do público leitor e espectador. Essa flutuação se dá entre ceticismo, descrença, desconfiança da descrença, crença, desconfiança da crença, crença absoluta, reflexão labiríntica ou contraditória e fanatismo, relacionados com o pacto com o qual recebem a obra e com os resultados de tal pacto na sua compreensão do real. É precisamente tais efeitos no espectador o que move esta leitura. No caso específico do primeiro filme *Sereias*, a existência de uma gigantesca recepção e de um público que em grande parte passou a acreditar no seu conteúdo como documental, ou a desconfiar de que possa ser verídico, ou a desconfiar de que não seja falso, é algo que precisa ser analisado de forma cada vez mais séria.

Na página de venda do primeiro filme da série na *Amazon.com*, nos dez primeiros comentários de compradores reais que atribuíram cinco estrelas ao produto, alguns expressam o curioso efeito causado pelo *Sereias*. A consumidora Cordelia Ryan, em 8 de janeiro de 2014, declara: "meu marido e eu realmente curtimos esse programa, e a atuação foi muito boa. Estivemos metade convencidos,

---

6 "*No evidence of aquatic humanoids has ever been found. Why, then, do they occupy the collective unconscious of nearly all seafaring peoples? That's a question best left to historians, philosophers, and anthropologists*" ("Are mermaids real?", NOAA, s.d.).

7 Na data de 3 de julho de 2012, semana seguinte ao lançamento de *Sereias: o corpo encontrado*, a *BBC News – US and Canada* aponta que na semana anterior àquela a agência governamental tinha se manifestado negando quaisquer provas ou indícios de existência de tais seres: ""*No evidence of aquatic humanoids has ever been found," the service wrote in an online post. The National Ocean Service – a division of the National Oceanographic and Atmospheric Agency (NOAA) – posted an article last week on its educational website, Ocean Facts*" (BBC News, 2012).

8 "*It reeled in the network's biggest audience in its 17-year history and caused an immediate Twitter frenzy that is still trending today*" (Quigley, 2013).

mesmo sabendo que era na maior parte uma ficção"[9]. J. Christiansen afirma em 1º de novembro de 2019: "Eu realmente gostei. Faz realmente pensar 'e se'?"[10] (cf. Costumers Review, Amazon.com, s.d.). Estarem *meio convencidos* e *a cogitar a possibilidade* são manifestações da indecisão e da perplexidade diante da difícil escolha de um pacto a se estabelecer com aquela obra. Muitos dos consumidores também o denunciam como um falso documentário, como *mocumentário*, ou como engodo, o que reforça o entendimento de que em nenhum momento do filme isto fique absolutamente claro aos espectadores.

É no Youtube que o impacto no público se deixa ver de maneira mais perturbante. No canal *Reel*[11] *Truth Science Documentaries,* cujo nome não nos pode passar despercebido, os comentários sobre *Sereias: o corpo encontrado* refletem a gradação entre crença e descrença absolutas. No modo de exibição "principais comentários", dos primeiros 20 comentários em 16 de novembro de 2019, pelo menos 8, sem considerarmos as respostas, declaram abertamente acreditar no conteúdo ou se questionar a propósito, mesmo diante do subtítulo incluído *Mermaid Science Fiction Programme*. "Se sereias são reais, apenas as deixem em paz... humanos são os reais assassinos do planeta Terra", declara a conta *Charles Arabit*, em letras maiúsculas, com 249 *likes* na mesma data; "Sereias existem. Por gerações muitas pessoas no meu país juram ter visto. [...], afirma a conta *Mark Kuman*, com 126 likes na mesma data; "Eu acredito que são reais, mas espero que os humanos não as achem & que continue assim porque os humanos são as criaturas mais perigosas da Terra", diz *Corgi23 Jumpman*, com 102 likes[12]. Entre outras adesões que soam irônicas, aparecem também alguns que apontam o filme como um *mockumentary*[13]. termo que surge na rede em português como *mocumentário* e como *documentário falso*, esta última tradução muito aquém de seus sentidos e impactos. De acordo com o *Cambridge Dictionary*, o termo em inglês significa "um filme ou programa de televisão feitos no estilo de um documentário para fazer com que eventos inventados pareçam reais"[14] (Cambridge Dictionary, s.d.).

---

9 "My husband and I really enjoyed this show, and the acting in it was very good. We were half--convinced, even knowing it was mostly fiction going in" (Cordelia Ryan, 08/01/2014, Costumers Review, in Amazon.com, s.d.).

10 "I really enjoyed this. It truly makes you wonder what if??" (J. Christiansen, 01/11/2019, Costumers Review, in Amazon.com, s.d.).

11 *Reel*: bobina, carretel.

12 Os comentários originais são: "IF MERMAIDS ARE REAL. JUST LEAVE THEM ALONE... HUMANS ARE THE REAL KILLER OF THIS PLANET EARTH!" (Charles Arabit in *The Reel Truth Documentaries*); "Mermaids exist. For generations many people in my country swear to have seen them [...]" (Mark Kuman in *The Reel Truth Documentaries*); I believed that they are true, but I hope that humans will not found them & stay in that way because Humans are the most dangerous living creatures on earth (Corgi23 Jumpman in *The Reel Truth Documentaries*).

13 Na web se encontra o termo em inglês escrito como *mocumentary* e mockumentary, por isso aqui constam as duas grafias, de acordo com cada fonte utilizada. Porém, sempre que sou eu mesma a referi-lo no corpo do texto, respeito a forma dicionarizada pelo *Cambrige Dictionary* (ver nota 14).

14 Mockumentary: "a film or television show made in the style of a documentar to make invented events seem real" (Cambridge Dictionary, s.d.).

O *mocumentário* é uma extraordinária versão audiovisual das *fake news* em formato que simula uma produção documental e que já conta com seus grandes clássicos, como *The dark side of the moon*. Essa simulação, inclusive, reproduz alguns recursos de desinformação presentes em *fake news*, como uso de fragmentos factuais mas com falsas conexões ou com contextos simulados; mas os *mocumentários* o fazem com fins em amplificar o efeito da obra e fazê-la reverberar na leitura que o público faz da realidade.

Eis que esse novo gênero ou subgênero se configura sobre a ruína dos estatutos da verdade, do vero, da veracidade, da verificação, mas também da ficção. Nenhum desses estatutos parece certo ou estável na estância da recepção do filme. Se visitados outros trechos de *Sereias: um corpo encontrado* postados no canal Youtube do próprio *Animal Planet*, a adesão à noção de que tais criaturas existem ou podem existir é também de 8 entre os 20 primeiros em um, mas aumenta para 12 entre 20 primeiros, em outro, se exibidos os comentários mais relevantes[15]. O efeito causado pela impossibilidade de se validar uma verdade que seja superior conduzindo o leitor ou espectador a uma incerteza sobre as noções de realidade são, portanto, inegáveis. Não esqueçamos o impacto do filme *Matrix*, que nos anos 2000 questionou em ficção científica se vivemos em um mundo ilusório e de conhecimento limitado imposto aos humanos por um poder maior, seja econômico, institucional ou governamental. Com os *mocumentários* a Matrix já está em toda a parte e a ficção já pode ser lida por muitos apenas como uma ilusão imposta por poderes para disfarçar a virtualidade do real.

Ao coro dos que aderem à hipótese levantada por essa obra audiovisual junta-se ainda um dado que marca a história cultural de diversos povos do mundo: os relatos de avistamentos de sereias, humanoides e outros seres marinhos são inegavelmente recorrentes ao longo dos séculos. Assim argumentam mesmo alguns comentários no Youtube, em diversos canais que abordam essa temática. Tal tipo de relato é abundante, por exemplo, no subgênero conhecido como *literatura de viagens*, que escolho aqui como elemento de comparação não apenas pela convergência no motivo dessas criaturas marinhas, mas sobretudo por sua recepção especial dentro do universo literário. O leitor dessa literatura a recebia, e recorrentemente ainda a recebe, através do *pacto da veracidade*, na maior parte das vezes por um estatuto documental, histórico, testemunhal, científico ou institucional. Muitos desses escritos são considerados ainda hoje provas de que uma viagem ocorreu, de que um sacerdote se encontrava em uma localização precisa em dado ano, de que um viajante pensava e media o mundo de uma dada maneira, outros são desvendados como ficcionais, como apócrifos ou como incompletos. Mas seus estatutos têm um certo concerto.

Pesquisadores que estudem esse conjunto precisam lidar, contudo, com um certo viés de notícia falsa que ali emerge frequentemente; os exemplos são abun-

---

[15] No canal de Youtube do *Animal Planet*, considerei para o primeiro levantamento a postagem intitulada "Mermaids Attacked By Giant Shark / Mermaids", de 15/06/2012, que conta com 14.542.753 de visualizações na data de 16 de novembro de 2019, e para o segundo, "Mermaid Sightings Throughout History / Mermaids", de 27/06/2012, com 619.500 visualizações na mesma data (cf. Animal Planet [Canal do Youtube], s.d.).

dantes, sobretudo nessa rede literária que se influenciava a si mesma e atingia milhares de leitores, como verdadeiros *best sellers* do provável ou supostamente experienciado. Não seria o caso das notícias de Prestes João, do Paraíso Terreal, do mar interior na América do Sul, da fonte da juventude, da Ilha Brasil, dos monstros marinhos e de tantos outros relatos que cristalizaram mitos após sua recepção e reprodução contínua em outras obras? Seria esse o fenômeno das atribuições a Sebastião Caboto ou a Américo Vespúcio da chegada primeira à América? De acordo com os interesses de comerciantes ou do clero, de um reino ou de outro, davam-se as descontextualizações, manipulações e interdições de informação. Os séculos XV e XVI são os tempos da rede internacional de informações sobre a constatação e conquista de outros continentes, de luta pelo controle em grande escala dos conhecimentos que permitem exclusividades em comércios muito rentáveis, ou seja, o tempo de vender ao vasto público de cada local e de cada fatia de mercado o que interessa ser vendido, assim como de esconder o que interessa ser escondido. Não me atrevo a entrar aqui na ocorrência de publicações adulteradas, obras falsamente atribuídas, outras literalmente roubadas em ações de corsários, como a de Fernão Cardim, e publicadas com nome de outro autor por um grande editor inglês[16] – autoria e originalidade serão noções para outro tempo. Essa disputa pelo domínio e uso das informações também envolvia linguagem, real, poder, consumo, política e certa noção, mesmo que rudimentar, de propaganda. Mas talvez a alienação do leitor se desse de um modo bastante diferente da do século XXI.

Um relato de grande importância sobre o avistamento de sereias – e o uso da palavra *relato* não é inocente – é o do inglês Anthony Knivet. Escrito muitos anos depois do tempo do enunciado, que tem início em seu embarque em um dos galeões de Thomas Cavendish, em 1591, com intuito de empreender a terceira viagem de circunavegação, é uma narração em primeira pessoa com identificação proposital entre o autor, narrador e a testemunha do avistamento. É, portanto, um livro que se pretende de memórias. Em um capítulo destinado a orientar futuros navegadores, Knivet narra tal encontro em Piratininga, que situa a 3 léguas do Rio de Janeiro: "Trata-se de uma baía que corre uma milha ou mais para o interior. Lá vi uma sereia e muitos peixes estranhos" (Knivet, 2008).

Alguns de seus recursos de constituição do documental são muito próximos aos dos *mocumentários*, como o depoimento, a encenação da experiência, a localização geográfica atribuída, a aparência científica de descrição com fins na geografia e navegação, mesmo que conte com diversos problemas de orientação e cronológicos, como aponta Sheila Hue na introdução à sua edição de tais aventuras (cf. Hue, 2008). Knivet avista também, segundo sua narrativa, um monstro marinho e uma montanha inteiramente de cristal em terras brasileiras, sem no entanto que isso abale o pacto de veracidade da sua obra com os leito-

[16] Em uma viagem marítima de Roma para Brasil, em 1601, a obra de Fernão Cardim foi extraviada, em um ataque do corsário inglês Francis Cooke, "que capturou o padre e se apoderou do manuscrito, vendido por 20 xelins" [...]. Este foi publicado por Samuel Purchas, atribuído a Manuel Tristão, e somente muitos anos depois, em 1881, Capistrano de Abreu corrigiria este engano de atribuição (cf. Hue, Introdução a Knivet, 2008).

res, nem invalide os possíveis trechos fictícios. Posso arriscar a sugestão de que a inserção do maravilhoso nos relatos de viagens tidas como reais é esperada e concertada desde o medievo chegando até o conjunto discursivo, oral e escrito, da posse de rotas oceânicas, domínio de populações e apoderamento de terras distantes, chamado de *descobrimentos*. Posso arriscar também a proposta de que essa inclusão, além de não desequilibrar nem a leitura verídica nem a ficcional, não produza uma oscilação na noção de real de seus leitores; se houve algo que pode ter desequilibrado os discursos sobre a realidade foi a própria constatação europeia da existência de uma América.

Tendo como referencial uma expedição que ocorre décadas antes daquela de Knivet, o *Diário da primeira viagem* do Almirante Cristóvão Colombo em seu trajeto em direção à América traz um relato que parece ter um efeito semelhante ao de Knivet, com inclusão de *mirabilia* análoga. Tal obra sobreviveu apenas em cópia[17], o que relegou à terceira pessoa sua narrativa; porém, mais uma vez os recursos às datas, à forma do diário ou da relação tidas como documentais e ao propósito institucional estão ali. Os apontamentos de 9 de janeiro de 1493 trazem o avistamento:

No dia anterior quando o Almirante ia ao rio do Ouro, disse que viu três sereias que saíram bem alto do mar, mas não eram tão belas como as pintam, que em alguma maneira tinham forma de homem no rosto; disse que outras vezes viu algumas na costa da Guiné e na costa Mangueta. (Varela [ed.], 1986, pp. 167-168)

O jesuíta Fernão Cardim e alguns outros missionários nos séculos XVI e XVII reproduzem ainda com naturalidade os avistamentos de seres humanoides marinhos, em geral em experiências atribuídas a outros viajantes ou aos ameríndios. Nos *Tratados da terra e gente do Brasil*, de Cardim (ver nota 16), há uma parte inteira intitulada "Homens marinhos e monstros do mar", dedicada a expor características dessas criaturas, a que os indígenas chamam de *Igpupiaras* (ou *Ipupiaras*), que, como esclarece a anotação a uma recente edição brasileira organizada por Ana Maria de Azevedo, em língua tupi significa "aquele que é de dentro da água" (nota 212, Cardim, 2009, p. 151). Na mesma nota, explica-se que o termo surgiu pela primeira vez em uma carta de José de Anchieta, escrita em latim, em 1560, e depois em Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Gândavo, também ele, dedica toda uma parte dessa sua espécie de história natural, o capítulo 9, intitulado "Do monstro marinho que se matou na capitania de São Vicente em 1564", a descrever esse ser e narrar o modo como um jovem chamado Baltazar Ferreira alegadamente dá uma estocada em uma dessas criaturas e depois a deixa exposta à vista da vila por dias (cf. Gândavo, 2004).

O cerne da diferença entre os dois tipos de obras, as integrantes desse conjunto que constitui o subgênero da literatura de viagens e um *mocumentário* como *Sereias*, pode ser visto precisamente no efeito no leitor e no espectador.

---

[17] "Los relatos del primer y tercer viaje nos han llegado en las copias que de los originales del Almirante efectuó el dominico fray Bartolomé de las Casas en el manuscrito único que guarda la Biblioteca Nacional de Madrid" (Introdução a Varela [ed.], 1986, pp. 167-168).

Na obra do século XXI, tal efeito se mostra muito mais do âmbito do fantástico, do que do maravilhoso, dentro das definições de Tzvetan Todorov. O recurso ao fantástico é, claro, conhecido pela literatura e pelo cinema desde muito, porém, nesses novos tipos de produções midiáticas este ganha um corpo fugidio, inusitado, difícil de alcançar e de delimitar, situado agora em uma estância desconcertante, a da recepção e dos pactos possíveis com o leitor e com o espectador.

Em *Introdução à literatura fantástica*, Todorov aponta o efeito fantástico como uma oscilação situada entre o maravilhoso e o estranho; no primeiro, os eventos sobrenaturais são completamente aceitos como integrantes dos acontecimentos, no segundo, são explicados ou perfeitamente racionalizados, como coincidências, mal-entendidos, pistas falsas (cf. Todorov, s.d.). No fantástico, porém, instaura-se a irremediável dúvida entre esses dois polos, a hesitação sem solução, e seu efeito se dá somente enquanto tal suspensão perdura. Nos exemplos trazidos pelo autor, a hesitação pode se realizar no leitor, em relação ao enredo de uma ficção, a seus elementos, a seus personagens. Pode ainda se efetuar no narrador ou em uma personagem. Mas em *Sereias: o corpo encontrado* – e certamente em outros *mocumentários* – essa hesitação parece ganhar um lugar e um efeito incomuns, ao se realizar na dúvida sobre o estatuto e pacto que deve ser estabelecido em relação à obra e, em um segundo momento, chegar a fazer hesitar sobre a própria realidade e considerar a ficção como ficção forjada.

Posso me perguntar se o cadáver das noções de verdade, de vero, de verídico e de verificação desse massivo público *meio-convencido*, *meio-descrente* ou *que se interroga*, não estaria figurado naquele corpo supostamente de sereia achado em fragmentos irreconhecíveis dentro de um tubarão, no primeiro filme da série veiculado pelo *Animal Planet*. A partir dos pedaços que esse pretenso cadáver nos fornece, reconstrói-se o crânio, faz-se um exame de DNA cujos resultados nunca chegam ou chegam alterados, tenta-se juntar suas características em um ser vivo, mas que é inverificável pois desconhecido. Todavia, a sua existência jamais emerge inteiramente. Quanto mais se busca uma resposta mais sua forma se torna impossível, impalpável em meio a contradições e impedimentos; quanto mais os especialistas olham para seus restos, mais sua face se mostra impedida, escondida, espalhada, contraditória, inalcançável, mas mortalmente atraente.

Referências bibliográficas

ABC News. 'Mermaids' Mocumentary Stirs Big Ratings for Animal Planet. *ABC News* [em linha]. 30 de maio de 2013, New York, USA. Disponível em: https://abcnews.go.com/blogs/entertainment/2013/05/mermaids-mocumentary-stirs-big-ratings-for-animal-planet/.

Animal Planet (s.d.) [Canal do Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCmMm-p51c14XJ1p294faCmA/videos.

BBC News. No evidence of mermaids, says US government. *BBC News. US & Canada* [em linha], 3 de julho de 2012. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-us-canada-18692830.

Bennett, S. (direção e criação), BHATT, V (criação) e FOLLEY, C. (criação) (2012). *Mermaids: the body found.* USA: *Animal Planet* / Discovery Channel. 82 min. Apud *Mermaids The Body Found: Are Mermaids Real? / Mermaid Science Fiction Programme / Reel Truth Science* (2018/08/15). In *Reel Truth Science Documentaries* [Canal do Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sQ2Wc71PGVI&t=1881s.

Bennett, S. *Mermaids: the body found.* USA: *Animal Planet* / Discovery Channel. 82 min. Apud *Mermaids the body found* (2013/06/28). In *Thatgirl hal* [Canal do Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dWE4g33dwdI.
Cardim, F. (2009). *Tratados da terra e gente do Brasil*. Organização de Ana Maria de Azevedo. São Paulo: Hedra.
Costumers Reviews to *Mermaids* Season 1 (s.d.). in *Amazon.com* [em linha]. Disponível em: https://www.amazon.com/product-reviews/B00D11VJYG/ref=acr_dp_hist_5?ie=UTF8&filterByStar=five_star&reviewerType=all_reviews#reviews-filter-bar.
Dunker, C. (2017). Subjetividade em tempos de pós-verdade. In C. Dunker et al. (2017). Ética e pós-verdade [e-book]. Porto Alegre: Dublinense.
Gândavo, P. M. (2004). *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* [e-book]. Modernização do texto e notas de Sheila Hue e Ronaldo Menegaz. Rio de Janeiro: Zahar.
Genzlinger N. One More Reason to Fear the Beach: 'Mermaids: The Body Found,' on Animal Planet. *The New York Times* [em linha]. New York, USA, 25 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/05/26/arts/television/mermaids-the-body-found-on--animal-planet.html>.
Knivet, A. (2008). *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet* [e-book]. Organização, introdução e notas de Sheila Hue. Rio de Janeiro: Zahar.
Mockumentary. In *Cambridge Dictionary* (2019) [em linha]. Cambridge: Cambridge University Press, s.d.. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/mockumentary.
NOAA – National Oceanic And Atmospheric Administration (s.d.). Are mermaids real? No evidence of aquatic humanoids has ever been found. In *Ocean Facts* [Em linha]. Disponível em: https://oceanservice.noaa.gov/facts/mermaids.html.
NOAA [s.d]. What's the bloop. In *Ocean Facts* [em linha]. Disponível em: https://oceanservice.noaa.gov/facts/bloop.html.
Quigley, R. How HOAX Mermaid 'mockumentary' gave Animal Planet its biggest audience EVER. *Daily Mail* [em linha]. London, UK, 30 de maio de 2013. Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/news/article-2333515/Mermaid-hoax-How-mockumentary-gave-Animal--Planet-biggest-audience-EVER.html.
Todorov, T (s.d.) [1970]. *Introduction à la littérature fantastique* [e-book]. Paris: Éditions du Seuil.
Varela, C. (Ed.) (1986). *Cristóbal Colón: los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza Editorial Madrid.

Resumo

Em 2012, o canal de televisão *Animal Planet* veicula o filme *Sereias: o corpo encontrado*, que simula um documentário, induzindo assim milhões de espectadores a acreditar ou a se questionar se tais criaturas marinhas de fato existem. Muitos séculos antes, viajantes dos séculos XV, XVI e XVII relatavam ou mencionavam outros relatos em suas obras sobre o avistamento de seres humanoides do mar. Apesar do motivo aproximado e de alguns recursos semelhantes, o efeito que tal filme do século XXI produz nos espectadores pode ser bem diverso daquele que a literatura de viagens proporcionava a seus leitores.

Abstract

In 2012, Animal Planet television broadcast the movie *Mermaids: The Body Found*, which simulated a documentary, thus inducing millions of viewers to believe or wonder if such sea creatures actually existed. Many centuries earlier travelers from the fifteenth, sixteenth, and seventeenth centuries reported or mentioned other reports in their works about seeing humanoid sea creatures. Despite their parallel subjects and some similar features, the effect caused by this 21st century film on viewers may be quite different from the one that travel literature provided to its readers.